



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

Juliana Cotting Teixeira¹

Gustavo da Silva Freitas²

Jones Mendes Correia³

RESUMO: A disseminação do skate pelo Brasil, representada por múltiplas formas de prática e significação, apresenta como um dos efeitos, sua inserção no universo científico. Nesse movimento emergente de apropriação do skate às esferas da produção de conhecimento, esse estudo visa investigar como essa prática tem sido anunciada pela área da Educação Física. Para isso, foi realizado um levantamento da produção acadêmica partindo da busca sistemática em alguns dos principais periódicos abrangentes da área. Mesmo assumindo a provisoriidade desse tipo de estudo, podemos apontar algumas pistas significativas sobre a presença ainda tímida e embrionária da produção sobre skate na Educação Física.

Palavras-chave: Skate. Educação Física. Produção do conhecimento.

*THE SKATEBOARD AS A THEME IN KNOWLEDGE PRODUCTION IN
PERIODICALS IN THE AREA OF PHYSICAL EDUCATION*

ABSTRACT: The dissemination of skateboard in Brazil, represented by multiple forms of practical significance, has as one of the effects, their inclusion in the scientific universe. In this emerging movement of ownership of the skateboard to the areas of knowledge production, this study aims to investigate how this practice has been announced by the area of Physical Education. For this, we conducted a review of academic production based on the systematic search of some of the main papers listing of the area. Even assuming the temporariness of this type of study, we point out some significant clues about the presence still shy and embryo about the skate's production in Physical Education.

Keywords: Skateboard. Physical Education. Knowledge production.

*EL TEMA DEL MONOPATÍN EN LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO EN
REVISTAS EN EL ÁREA DE EDUCACIÓN FÍSICA*

RESÚMEN: La difusión de monopatín en Brasil, representada por múltiples formas de significación y práctica, tiene como uno de los efectos, su inclusión en el universo científico. En este nuevo movimiento de la propiedad de la raya a los ámbitos de la producción de conocimiento, este estudio tiene como objetivo investigar cómo esta práctica ha sido anunciada por el área de Educación Física. Para ello, se realizó una encuesta de la producción académica sobre la base de la búsqueda sistemática de

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: juliana.cotting@yahoo.com.br.

² Doutorando em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Professor Assistente do Instituto de Educação da FURG

³ Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).



algumas de las principales revistas de la zona principal. Aun suponiendo que la temporalidad de este tipo de estudio, se señalan algunas pistas importantes de la presencia aún tímida y producción de embriones de monopatín e la Educación Física.

Palabras Clave: Monopatín. Educación Física. Producción de conocimiento.

1. INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO...

Do surf de asfalto a esporte radical, o skate tem se constituído historicamente como prática de caráter ambivalente e terreno de disputa por sua significação. Migrada de solo norte americano, mais especificamente, região de DogTown, Califórnia, década de 60, essa prática é narrada pelo documentário DogTown and Z-Boys, dirigido por Stacy Peralta (2001), como uma variação do surf adaptado ao concreto, em tempos de mar *flet*⁴.

No Brasil, Brandão (2008, 2010) e o recentemente lançado vídeo-documentário Vida sobre Rodas, de Daniel Baccaro (2010), localizam o aparecimento do skate nas ladeiras cariocas, em meados da década de 70, com conotações de divertimento e lazer de uma juventude urbana que forjava novos comportamentos e uma nova estética através dos *bailares* e *deslizares* sobre o skate. Através desses códigos e signos de conduta inaugurados pela *tribo* skatista desse tempo, a prática se difundiu e desenvolveu suas tecnologias e adaptações espaciais que culminaram, nas décadas seguintes⁵, com a criação das primeiras pistas e a organização dos primeiros campeonatos de skate no país localizados na região Sudeste.

As lentes da publicidade foram as principais precursoras da popularização do skate em relação às outras regiões do país, num tempo em que a comunicação ainda não tinha alcançado o paradigma da informática e da internet. Foram as revistas impressas e mais tarde, os vídeos ainda em cassete, que acabaram por disseminar o skate em nível nacional, através de suas páginas, de seus enunciados e de suas edições (BRANDÃO, 2010).

⁴ Mar liso, sem ondas.

⁵ Alguns autores apontam para a existência de períodos de *altas* e *baixas* na trajetória do skate no país. Graeff (2006), ao estudar a trajetória social de skatistas profissionais de Porto Alegre, denomina parte desse processo como instabilidade estrutural do skate, marcado por curvas de ascensão e decadência em relação a organização de campeonatos, ao número de praticantes, a visibilização midiática e a patrocinarização de skatistas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

Essa tendência histórica de apresentação publicitária do skate como fenômeno urbano, relevante à criação de colunas especializadas em revistas juvenis como a *Pop* (1972-1979) e, mais tarde, à criação de revistas próprias, intituladas de *100% Skate*, *Tribo Skate*, *Skateboard*, entre outras, produziu a essa prática um imaginário privilegiado, estampado nessas revistas e em reportagens televisionadas que viram, na ruptura com os símbolos do surf e no casamento com a radicalidade e com o esporte, os elementos promissores e prioritários à imaginação e simbologia do skate no país.

Em 2009, Leonardo Brandão, em artigo publicado na Revista *Conexões* sob o título *Histórias Esquecidas do Esporte*, identifica a existência de campeonatos de skate *in door*, hegemonicamente femininos, realizados em ginásios e espaços privados, durante a transição da década de 60 para 70. A sua configuração vinculava-se muito mais à patinação e aos movimentos do balé contemporâneos que às vestimentas e identidade inscritas às outras modalidades de skate.

Essas “omissões e silenciamentos” (BRANDÃO, 2009, p. 20) articulados a essa modalidade não contemplada pela maioria das narrativas e registros publicitários sobre skate, se constituem no percurso da história dessa prática como um dos elementos da ambivalência e disputa por significação existente em seu escopo.

[...] grande parte desse passado “renegado” do skate ocorreu em função de sua esportivização, que a partir de meados da década de 1970 passou a sofrer influências da contracultura jovem. Paradoxalmente, essa associação apresentou-se como um melhor investimento mercadológico do que o balé artístico e a patinação. Dentro da lógica de um mercado que passava a girar cada vez mais dependente de uma juventude transviada, a associação entre o skate e a contracultura tornou-se um nicho promissor e muito lucrativo (BRANDÃO, 2009, p. 20).

Em âmbito mais geral, segundo a Confederação Brasileira de Skate⁶, através da publicação de pesquisa do Instituto Datafolha (2006), seis por cento (6%) dos domicílios brasileiros abriga pelo menos um skatista. Embora esse percentual pareça representativamente baixo, numa análise empírica das transformações culturais, é

⁶ Fundada em 1999, a “CBSk tem como finalidade, desenvolver, divulgar, difundir, fomentar a prática e organizar o esporte, além de representá-lo no Brasil perante os poderes públicos (municipal, estadual e federal) e a sociedade organizada (empresas, ONGs, fundações, associações e federações).” Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/pags/cbsk.htm>> Acesso em: 09 de abril de 2012.



notória a assimilação do skate pelas mídias de massas⁷, por publicidades não especializadas⁸ e por empreendimentos esportivos de alto nível⁹.

Esse processo de disseminação cultural do skate pelo país vem provocando os olhares do universo acadêmico oriundos da sociologia, história, antropologia e, da própria Educação Física, que passaram a discutir conceitos como profissionalização, identidade, tribos, urbanidade, esportivização¹⁰, entre outros, através das manifestações e interfaces dessa prática. Esses movimentos de pesquisa têm publicado trabalhos que colocam o skate como objeto de estudo relevante e justificável tanto na ótica da ampliação da produção de conhecimento nas diferentes áreas quanto na ótica da contribuição social e política, na direção de consolidar essa prática como elemento da cultura e como alvo a empreendimentos de gestão pública em Esporte e Lazer (UVINHA, 2011).

Portanto, esse estudo se insere no objetivo de investigar e discutir o panorama atual dessas produções acadêmicas sobre skate, através de um recorte sobre aquilo que vêm sendo dito em relação ao tema junto à Educação Física. Tratar essa prática no interior de uma área¹¹ significa, sobretudo, pensar como o skate vem sendo construído por um certo *ethos* acadêmico pelo que dele se fala.

2. METODOLOGIA: ESTRATÉGIA ADOTADA

As escolhas feitas e as decisões tomadas num estudo revisional como esse constituem os pilares de seu próprio percurso e de seus próprios resultados, num processo permanente de interdependência entre cada delimitação feita e cada justificativa adotada. Mostrar o caminho percorrido e os argumentos que o sustentam é,

⁷ Neste caso, refere-se ao televisualização de campeonatos de skate, especialmente aos domingos, em TV aberta, como a Rede Globo.

⁸ A Nike, empresa multinacional de artigos esportivos, incorporou na última década o modelo Nike sb, ou Nike skateboard. Vale ressaltar também investimentos semelhantes praticados pelas marcas Adidas e Nescäu.

⁹ Alguns eventos são tratados como jogos de grande repercussão midiática, como os X-Games, Rio Vert Jam e Mega Rampa. Estes, entre outros campeonatos de implacável estrutura, tendem a representar o skate na TV sob outras modalidades da prática.

¹⁰ Ver Graeff (2006), Honoratto (2008), Brandão (2008,2009,2010), Silva (2010).

¹¹ A noção de área aqui utilizada está diretamente relacionada aos veículos de publicação das produções, caracterizados como periódicos da área Educação Física. Ver Bracht (2011).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

ao mesmo tempo, caro e frágil para os olhos de quem lê e arriscado para mãos de quem os produz.

Nesse sentido, as decisões metodológicas para o empreendimento desse estudo iniciaram pelas delimitações da amostra a ser analisada. A primeira delas foi a determinação do tipo de fonte escolhida para fazer tal levantamento da produção acadêmica, uma vez que, num primeiro momento, não interessava e também, não tínhamos condições de esgotá-las. Para tanto, optou-se pela utilização de periódicos da área da Educação Física, mais especificamente, 10 (dez) deles, a serem: Revista Brasileira de Ciência do Esporte; Revista Movimento; Revista da UEM; Pensar a Prática; Motrivivência; Motriz; Ciência e Movimento; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; Licere e Arquivos em Movimento. A escolha por essas e não por outras revistas se deu a partir do critério de que “a amostra contemplasse veículos que tratam a temática a partir de diferentes perspectivas teóricas. Nesse sentido, não incluímos em nossas análises periódicos explicitamente disciplinares” (BRACHT et al, 2011, p.14). Assim, na esteira do autor, decidimos por essa gama de periódicos da Educação Física por sua abrangência teórica e epistemológica, que poderiam nos direcionar a estudos de diferentes perspectivas.

Outra decisão metodológica utilizada foi a de não estipular, *a priori*, uma delimitação temporal para a seleção dos artigos. A pesquisa levou em consideração todas as edições que a respectiva revista disponibilizou na sua versão on-line.

No que tange ao recorte temático, os descritores usados para a busca dos artigos foram *skate* e *skateboard*, visto que os dois termos são consideravelmente usados nas produções sobre o skate no Brasil. De antemão, vale ressaltar que algumas revistas não possuíam trabalhos possíveis de serem indexados através desses descritores, o que não as exclui de uma análise sobre a (in)existência da temática nas publicações dos periódicos em questão.

Ao todo, foram encontradas 24 (vinte e quatro) publicações nas 10 (dez) revistas mencionadas. Abaixo segue a relação do número de trabalhos indexados por periódico pesquisado.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

Tabela 1: Total de Produções Encontradas Indexadas por Periódico.

Periódico	Total
Revista Brasileira de Ciência do Esporte	3
Revista Movimento	5
Revista da UEM	zero
Pensar a Prática	4
Motrivivência	zero
Motriz	11
Revista Ciência e Movimento	zero
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	zero
Licere	zero
Arquivos em movimento	1
TOTAL	24

Após a fase de busca, a triagem dos artigos foi possível, num primeiro momento, através da leitura do título e do resumo dos mesmos e, posteriormente, à leitura completa. Foram descartados para análise os trabalhos oriundos de anais de congressos, pois, na maioria dos casos, não foi possível ter acesso à produção completa e sim apenas aos resumos. A mesma postura foi adotada em relação a entrevistas e relatos de experiência encontrados, os quais não possuem resumo em sua forma de apresentação, além de trazerem o assunto apenas numa citação, num exemplo ou numa interrelação com a temática central discutida. Sendo assim, a seguir consta a relação de produções selecionadas para análise por periódico, autor e ano de publicação:



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

**Tabela 2: Relação de Produções Seleccionadas por Periódico,
Autor e Ano de Publicação.**

Periódico	Título da Produção	Autores	Ano de Publicação
Revista Brasileira de Ciência do Esporte	Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção.	FIGUEIRA; GOELLNER.	2009
	El skate urbano e juvenil: una practica social y corporal em tiempos de lá resignificación de la identidad juvenil chilena.	CLAVÉRIA; AMÉSTICA; ETCHEPARE et al	2006
	Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmica.	BRANDÃO.	2010
Revista Movimento	O segredo do sucesso: apontamentos sobre a trajetória social de skatistas profissionais.	GRAEFF; STIGGER.	2009
Motriz	O Skate e suas possibilidades educacionais.	ARMBRUST; LAURO.	2010
	Estado de fluxo em praticantes de escalada e skate downhill.	VIEIRA; BALBIM; PIMENTEL et al	2011
Arquivos Em Movimento	Atividades Físicas de Aventura: Proposta De Um Conteúdo Na Educação Física Escolar No Ensino Fundamental.	FRANCO; OLIVEIRA; OLIVEIRA et al	2011

A triagem trouxe como resultado a obtenção de 7 (sete) artigos distribuídos em 4 (quatro) periódicos. Como mostram as tabelas acima, 17 (dezesete) das 24 (vinte e quatro) produções indexadas não apresentaram os critérios eleitos para triagem e ainda, 5 (cinco) dos 10 (dez) periódicos pesquisados não indexaram sequer uma produção a partir dos descritores usados. A Revista Pensar a Prática foi o único periódico que



apresentou produções indexadas em que nenhuma delas possuía algum critério de seleção para análise.

3. RESULTADOS: A EXPOSIÇÃO DE UM CENÁRIO

Destaco para esse momento, alguns significativos investimentos de reflexão, articulados por um conjunto de questões políticas refletidas durante o processo de busca e seleção. São eles: a (in)existência de produções indexadas em (5) cinco dos 10 (dez) periódicos pesquisados, a indexação de 17 (dezesete) produções que não tomam o skate como objeto de análise e o próprio panorama de trabalhos publicados sobre skate nos periódicos da área da Educação Física.

Os cinco periódicos que não apresentaram nenhuma produção indexada foram: a Revista da UEM, a Revista Motrivivência, a Revista Ciência e Movimento, a Revista Brasileira de Educação Física e Esporte e a Revista Licere. Essas (in)existências estão sendo vistas aqui não como fato, acontecimento dado, ou um *a priori*, perceptível a lógica da produção e publicação de conhecimento, mas sim, como indicativos de ruídos, de conflitos e de disputas existentes na trama de verdades que se combinam sobre o skate, enquanto objeto de análise acadêmica.

O não aparecimento do skate nesses periódicos não demarca necessariamente a sua inexistência de publicação, mas também, a existência de terrenos em que esse objeto pode ser mencionado sob outros termos, interpelado por outras perspectivas e atravessado por versões não possíveis de serem capturadas pelos critérios de busca utilizados. Eis a inferência da escolha de um descritor. Ao optar por chamar o skate dele mesmo, desvinculado de significação compartilhada, como a temática das Atividades de Aventura, ou o imaginário dos esportes radicais ou de ação¹², assume-se a condição de buscá-lo e interpretá-lo sob umas de suas múltiplas formas possíveis, encharcadas por disputas políticas e conceituais. A (in)existência pôde ser possível, nesses casos, pela existência de uma escolha, articulada com a postura despreocupada de buscar o skate

¹² Pereira et al (2008) procurando produzir algumas classificações, características e conceitos aos esportes radicais de ação e aventura, localiza o skate como um dos esportes radicais de ação, categorizado através da noção de manobra, como um elemento básico e fundamental da prática do skate.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

em si mesmo, sem a pretensão de identificá-lo em sua completude ou esgotá-lo em seus termos e versões.

Embora seja notório o conflito de termos e terrenos articulados pelo universo acadêmico ao skate, é também, ou talvez ainda mais, significativo o número de estudos indexados que traziam a palavra skate numa relação ou numa exemplificação e não como tema de discussão. Com o total de 17 (dezesete) produções nesse perfil, apareceram desde trabalhos do âmbito das ciências da saúde e/ou das práticas clínicas, analisando “motricidade ampla e fina na Síndrome de Wiliams” (ALMEIDA, FORMIGA, 2010), destacando o brincar de skate como exemplo ao tratamento, até trabalhos do âmbito da sociologia do esporte, discutindo questões urbanas e de inserção do esporte nas cidades, como as produções de Cachorro (2009) e Lahire (2010).

Para esse estudo, tais produções, dentre outras do mesmo tipo, não compuseram o produto de análise por uma questão de escolha. Porém, isso não as excluiu do conjunto de trabalhos possíveis e existentes às diferentes abordagens do skate como objeto de estudo. São trabalhos que contribuem ao se pensar nessa prática em uma de suas dimensões e interfaces, desde a análise de seu potencial terapêutico à discussão da presença do skate na cidade. A produção de conhecimento sobre skate pode estar refletida nesses trabalhos, não pela condição de temática principal, mas pela sua transversalidade.

Já o panorama das produções indexadas denuncia uma complexa rede de relações envolvida tanto no esforço de capturar o tema skate na produção de conhecimento, através de um estudo revisional, quanto na exposição de um cenário com diferentes posicionamentos e ênfases. Frente as considerações até então tecidas, toma-se as 7 (sete) produções selecionadas através de uma postura que permita olhá-las em suas especificidades, ou ainda, em seus conceitos discutidos.

Parte-se, também, do pressuposto de que essa é uma das múltiplas formas possíveis de analisar a produção de conhecimento e que outros olhares são fundamentais à “movimentação” do skate enquanto objeto de estudo. Destes 7 (sete) artigos, pode-se inferir quatro eixos de discussão. São eles: profissionalização do skate; tribo skatista; skate educacional e psicologia do skate. Vale ressaltar, que uma mesma produção pode transitar em mais de um eixo – se alguma relação for estabelecida – e que a distribuição dos trabalhos nesses termos ou categorias não ambiciona diminuí-los ou restringi-los a



essas concepções criadas e sim, facilitar a discussão e o diálogo constante entre as produções e suas perceptíveis particularidades.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: APARECIMENTOS DO SKATE...

4.1 PROFISSIONALIZAÇÃO DO SKATE

Inspirado em produções oriundas de dissertação de mestrado de Billy Graeff e, tese de doutorado de Márcia Figueira, esse eixo emerge da identificação, no skate, de um processo de socialização, vinculado a uma tendência profissionalizante que se consolida com a afirmação do skate como Esporte, em sua configuração contemporânea, datada de meados dos anos 90 em diante. Por mais que a produção de Figueira e Goellner (2009) se proponha a discutir a inserção das mulheres no skate enquanto esporte a partir das suas “estratégias de se fazer ver” (p. 100), esse trabalho pode ser localizado nesse eixo pela consideração de que a veiculação de suas fontes¹³ advém de um conjunto de mulheres skatistas já profissionais, ou em “vias de se tornar profissional” (GRAEFF, 2006).

Graeff e Stigger (2009) percorre um caminho em que assumem a produção de um estudo que visa construir a trajetória social de skatistas profissionais, frequentadores da pista do Iapi, em Porto Alegre/RS. Discutindo múltiplos conceitos e engajado numa sociologia do esporte, esse autor localiza o skate, assim como Figueira e Goellner (2009), no seio dos Esportes radicais, analisando desde as primeiras modalidades de aprendizagem e *incorporação* no skate como “atividades de vizinhança” (p.167) até o patamar do skatista profissional. Bastos afirma que, diferente de outros esportes mais tradicionais, o skate tem nos patrocínios uma das únicas vias de profissionalização, sendo o skatista profissional, em seu meio, conhecido como skatista patrocinado.

¹³ As autoras utilizam as narrativas de skatistas mulheres profissionais – como a skatista Karen Jones – canais e veículos de comunicação dirigidos e editados por skatistas patrocinadas ou em *vias de ser*, como blogs e sites nacionalmente reconhecidos, em que a modalidade feminina apresenta grande repercussão cultural e midiática. Nessa perspectiva, mesmo que a produção analise as estratégias de visibilidade das mulheres skatistas inseridas nesses espaços de aparecimento, são considerados os discursos dos sujeitos de referência no universo do skate feminino, e na direção das suas profissionalizações.



4.2 TRIBO SKATISTA

Muitos são os elementos atribuídos a ideia de tribo skatista, que ora se apresentam através do conceito *identidade* (CLAVERÍA, AMÉSTICA, ETCHEPARE et al., 2006) ora *estilo de vida* (GRAEFF & STIGGER, 2009). Os estudos desses autores apontam de um lado, para as *disposições* de um skatista contemporâneo, patrocinado, que almeja “fazer o corre” e viver de skate (p. 181) e, de outro, para aspectos de caráter político e de conduta, que geram conflitos de uso dos espaços e dos símbolos da cidade e da cultura juvenil (CLAVERÍA, AMÉSTICA, ETCHEPARE et al., 2006).

Brandão (2010) procurando situar a inserção do skate em pesquisas acadêmicas, especialmente, de cunho historiográfico, também aponta para alguns atributos históricos articulados a essa prática ao longo do tempo, como a marginalização, transgressão e contestação juvenil.

Em função de articulações entre o skate e movimentos contraculturais – exercidos muitas vezes – pela adoção de um vestuário mais agressivo, como o da moda punk, e da apropriação que os skatistas passaram a exercer nos espaços urbanos em busca de mais “liberdade de movimento”, constituiu-se uma imaginário social que tendeu a associar os skatistas a marginalidade. Ao longo de seu desenvolvimento como esporte, é possível perceber diversos tipos de problemas envolvendo skatistas com polícias, familiares, transeuntes ou demais cidadãos em geral (BRANDÃO, 2010, p. 66).

Esses cenários históricos e políticos protagonizaram essa prática potencializando aquilo que venho chamar de tribo skatista. Um terreno de significativas ambivalências e disputas de significação, especialmente em função de sua configuração esportivizada, refletidas em estudos que optam alguns, por discutir a reivindicação pelos signos da rebeldia histórica dos skatistas, e outros, a se debruçarem sobre as relações entre patrocínios, profissionalização e aparecimento midiático dessa prática transformada em esporte radical.

4.3 SKATE EDUCACIONAL



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

Armbrust & Lauro (2010) publicaram um trabalho que insere o skate numa perspectiva educacional. Através de um relato de experiência em práticas pedagógicas escolares, o autor se ampara numa série de perspectivas teóricas educacionais, desde abordagens culturalistas a psicomotoras, para argumentar qualitativamente sobre a relevância da utilização do skate como ferramenta pedagógica.

A escolarização do skate é defendida para que o mesmo possa ser adaptado aos planos educacionais e, conseqüentemente, para que sejam levados para a Educação Física escolar os elementos da cultura, os aspectos sociais e a motricidade característica dessa prática exercida historicamente além da escola e dotada de complexidades e potencialidades. A aproximação com o risco, a experimentação de outra corporeidade – menos tradicional à Educação Física Escolar, e a pertinência em ampliar os conteúdos dessa disciplina para diversificar o acesso a cultura corporal de movimento dos educandos, são as principais teses para a pertinência de apropriação pedagógica do skate, segundo esses autores.

Ainda nessa linha de análise, temos a produção de Franco, Oliveira, Oliviera et al. (2011), na qual, através de pesquisa realizada com alunos da 5ª série de uma Escola de Campinas/SP, puderam investigar alguns aspectos emergentes do processo de inserção das Atividades Físicas de Aventura (AFA) às aulas de Educação Física. Assim como Armbrust e Lauro (2010), argumentam amparados em diferentes teorias do campo educacional, como a Psicomotricidade de Gallahue e a abordagem oriunda dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), de 1998. Uma de suas justificativas se dá na afirmação de que “as AFA proporcionam a auto-realização, liberdade, superação, emoção, desafio e prazer” (FRANCO, OLIVEIRA, OLIVIERA et al., 2011, p. 24), colocando essas atividades, inclusive o skate, como possibilidades tangíveis a inserção na Educação Física Escolar.

Embora localize o skate no conjunto das AFA características do meio urbano, não nega a existência de conflitos terminológicos que circulam tanto sobre a categorização dessa prática enquanto modalidade de conteúdo ou objeto de ensino, quanto sobre a enunciação das outras diferentes atividades de aventura, como o surf, o arvorismo, o parkour, entre outras. Esses movimentos de anunciação de tais práticas também demarcam significativas formas de abordá-las, pensando nas diferentes



significações possíveis e em seus múltiplos contextos de realização, sejam no ambiente escolar ou fora dele.

4.4 PSICOLOGIA DO SKATE

Esse eixo foi exclusivamente criado para dar conta da apresentação da produção de Vieira, Balbim, Pimentel et al (2011), na qual se propõe, na esteira da Psicologia do esporte, a analisar os estados de fluxo¹⁴ em praticantes de skate downhill¹⁵ e escalada. Os autores foram motivados ao estudo se perguntando “por que as atividades de aventura se tornaram fonte de motivação intrínseca e de prazer para seus praticantes” (p.592). O skate, nesse caso, é tratado sobre o escopo das Atividades de Aventura, e foi adotado para análise por caracterizar, segundo os autores, uma prática dotada de motivações intrínsecas e extrínsecas a sua realização.

Num primeiro momento, pode-se estabelecer uma relação com essa produção e outras existentes que se dizem servir ao Esporte, com o eixo profissionalização do skate, uma vez que os resultados poderiam servir como propulsores a busca pelo rendimento em determinado esporte, nesse caso, o skate assim visto. No entanto, há maior número e esforço argumentativo no eixo profissionalização apontando para elementos próprios do skate tradicionalmente distintos daqueles que circulam os Esportes tradicionais, como a questão da patrocinarização e da necessária visibilidade midiática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁴ Estados de fluxo, segundo os próprios autores do artigo, é um procedimento da Psicologia que, através de teste e protocolos, avalia a motivação esportiva em diferentes modalidades.

¹⁵ A modalidade downhill é uma das dez modalidades do skate, segundo a Confederação Brasileira de skate. Atualmente ela é dividida em downhill speed e downhill slide, sendo que a primeira consiste na realização de corridas de skate em ladeiras e a segunda, em “descer dando slides (derrapadas ou cavalos de pau) com o skate, de diversas formas diferentes e estendendo as “deslizagens no asfalto” (manobras) o máximo possível, sem perder muito da velocidade”. Disponível em: <www.cbsk.com.br>. Acesso em 07 de abril de 2012.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

Esse estudo revisional, que procurou olhar para o skate através das lentes de periódicos da área Educação Física, suscitou a formulação de uma série de relações e implicações advindas das decisões metodológicas, como a preocupação em refletir sobre o processo de busca e seleção tanto quanto sobre os cenários e panoramas produzidos. As (in)existências de produções em alguns veículos também constituem e determinam os resultados do estudo, além de contribuir para o estabelecimento do caráter de provisoriedade oriundo desse estudo de revisão de literatura.

Nessa rede de anunciações sobre o skate, pode-se investir numa reflexão amparada mais em dúvidas e provocações do que afirmativas. A primeira delas está colocada na própria emergência do tema, uma vez que as produções acerca dessa prática datam dos anos 2000 em diante, concentradas nos últimos 7 (sete) anos. Tal evidência pode significar que o empreendimento sobre o skate vem sendo possível por um movimento recente que acontece para além dele, potencializado pelo aparecimento de uma vontade de discutir, experimentar e, no caso da Educação Física, pedagogizar os chamados Esportes Radicais, de Ação, de Aventura ou na Natureza.

Como efeito disso, e ainda nesta discussão, será que podemos pensar que os indicativos por ora analisados, dão conta de produzir um conhecimento que consolida o skate como um Esporte, fazendo disso uma condição de sobrevivência do tema no universo científico? Seja pela via da profissionalização, da psicologia, do estilo de vida ou no âmbito da educação, haverá uma desconfiança de outra forma de se requerer esta prática senão atrelando-as às condições de existência de uma prática esportiva?

Como todo trabalho tem seus limites, este prevê os seus a partir do recorte efetivado. Outras análises não realizadas por este estudo podem contrariar e/ou aprofundar breves reflexões aqui apontadas, principalmente se forem acopladas as publicações descartadas no procedimento da triagem. Dessa forma, esse estudo se conclui sem, no entanto, procurar esgotar o cenário sobre skate nos âmbitos da academia, ainda mais que, quanto mais dúvidas e inconstâncias surgirem, mais movimentação suscitará na direção de provocar debates empenhados em discutir, analisar e problematizar essa prática ainda emergente na esfera da produção de conhecimento na área Educação Física.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcela; FORMIGA, Cibelle. Avaliação da motricidade ampla e fina na Síndrome de Wiliams: Relato de caso. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n. 4, p.913-919, out/dez. 2010.

BRACHT, Valter; FARIA, Bruno; ALMEIDA, Felipe; A Educação física escolar como tema na produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p.11-34, abr/jun. 2011.

BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: Elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Revista de História de Esporte**, volume 1, número 2, p. 1-24, dezembro de 2008.

_____. Prazeres sobre pranchas: o lúdico e o corpo nos Esportes Californianos. **Revista de História do Esporte**, volume 2, número 2, p. 1-29, dezembro de 2009.

_____. Histórias esquecidas do esporte. **Conexões**, v. 7, n. 2, p. 13-23, 2009.

_____. Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano. **Revista Ciência do Skate**, Ano 1, Edição 5, s/p, Abril 2010.

_____. Um convite ao lazer: o surgimento do skate através das páginas da revista Pop (1972-1979). **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p.37-59, jul./dez., 2010.

CACHORRO, Gabriel. Prácticas corporales. Traducción de sentidos em la ciudad. **Pensar a Prática**, 12/2, p. 1-10, mai/ago. 2009.

GRAEFF, Billy. Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da "vizinhança" ao "corre". 2006. 166 f. **Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

HONORATO, Tony. Identidade assinada no pé. In: **1º ENCONTRO DA ALESDE "Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas"**. 2008. Curitiba.

LAHIRE, Bernard. Disposições e contextos de ação: o esporte em questões. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p.11-29, out/dez. 2010.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes Radicais de Aventura e Ação: conceitos, classificações e características. **Corpoconsciencia**. Santo André-SP, FEFISA, v. 12, n. 1, p. 37-55, 2008.

SILVA, Claudiován. Do lazer a profissão: um estudo sobre o processo de esportivização do skate em João Pessoa. 2010. 67 f. **Monografia (Graduação em Ciências Sociais)**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O SKATE COMO TEMA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM
PERIÓDICOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

UVINHA, Ricardo. As atividades de aventura no contexto urbano: cenários e potencialidades. In: Pereira, D. **V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura** Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. São Paulo: Lexia, 2011, p. 159-168.

VIDEOS/DOCUMENTÁRIOS

Vida sobre Rodas. Dirigido por Daniel Baccaro. Produção de Goma Filmes. Distribuição de Buena Vista International, 2010.

Dogtown and Z-boys: Onde tudo começou. Dirigido por Stacy Peralta. Produção de Agi Orsi. Distribuição de Sony Pictures Classics/Imagem Filmes, 2001.

SÍTIO CONSULTADO

<http://www.cbsk.com.br/>. Acessado em 09 de abril de 2012.

Recebido em: 03/04/2012
Aprovado em: 10/05/2012